

A CALIGRAFIA DO GOZO EM ESTAR SENDO. TER SIDO, DE HILDA HILST

Giovane de Azevedo França*

RESUMO:

O presente estudo investiga a hipótese de interseção entre escrita e gozo no livro Estar sendo. Ter sido da escritora Hilda Hilst. Privilegiando as elaborações de Jacques Lacan acerca da noção de letra, discute as formações pulsionais do texto escolhido, para demonstrar como nele se realiza a paradoxal escrita do gozo. Para tanto, analisa as formas peculiares como a escritora caligrafia o gozo.

PALAVRAS-CHAVE: gozo, escrita, caligrafia, letra, fuga do sentido.

A partir do quadro teórico de interseção entre Literatura e Psicanálise, em especial as contribuições de Jacques Lacan sobre as interfaces entre escrita e gozo, delimitamos não só o nosso objeto de estudo – a *escrita visceral* de Hilda Hilst –, mas também a estratégia de sua abordagem – mais *leitura-escuta* do que *interpretação* e uma busca constante para distinguir a *análise do sujeito* da *análise da escrita*.

A inserção no trabalho de um capítulo exclusivamente teórico – "A caligrafia do gozo, ou de uma concepção psicanalítica da escrita" – deveu-se à necessidade surgida de sistematização de um saber psicanalítico sobre a escrita, que permitisse delimitar o principal terreno teórico que serviria de ponto de partida para a pesquisa.

O projeto inicialmente apresentado sofreu um revés. A proposta original consistia na abordagem de uma suposta "*cena obscena*" na chamada trilogia "pornográfica"

* Mestre em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Literatura Brasileira), 2003.

de Hilda Hilst (*Cartas de um sedutor, O caderno rosa de Lory Lambi e Contos d'Escárnio*), com ênfase sobre uma possível *encenação do erotismo através da escrita*. No entanto, as próprias leituras teóricas preliminares, acima mencionadas, foram deslocando a perspectiva inicial, que passou a se centrar sobre uma mirada que considero mais essencial – *o gozo da escrita* – e que a nosso ver dá conta de uma questão ao mesmo tempo mais abrangente e radical da problemática entre escrita, sentido e sujeito. Por isso, reduzimos a ênfase sobre o elemento erótico, ao mesmo tempo em que restringimos o nosso objeto de estudo ao último livro publicado por Hilda Hilst – *Estar sendo. Ter sido*. Circunscrevemos, com isso, o trabalho a uma espécie de ensaio crítico sobre o texto escolhido.

Dessa forma, o objetivo principal do estudo passou a se centrar na perseguição do sentido constantemente colocado em fuga pela escrita de Hilda Hilst. Isso porque partimos da premissa de que a sua escrita consiste numa experiência escriturai que não só tem por referencial o gozo, mas que, antes, tenta inscrever o próprio gozo subjacente à linguagem e à criação literária.

Para além do uso convencional e transitivo da linguagem, com sua função denotativo-referencial, a escrita de Hilda Hilst busca liberar e explorar uma potência "gozosa" da linguagem. E é esse gozo, que pela escrita afeta o corpo do sujeito e, ao mesmo tempo, lhe escapa no uso convencional da linguagem, circulando pelas margens das palavras, que a escrita de Hilda Hilst tenta incorporar às próprias palavras, fazendo destas um corpo-efeito de gozo.

Esse uso "gozoso" da linguagem aponta, no limite, para o defeito essencial da própria linguagem: o vazio constitutivo da representação, onde o sentido se põe em fuga, já que as palavras não remetem mais a coisas, mas se fazem elas mesmas "coisas" de escrita, que encarnam na sua própria materialidade de objeto o gozo que está sempre a lhe escapar.

Nesse sentido, procuramos acompanhar a escrita de Hilda Hilst, no livro *Estar sendo. Ter sido*, não como uma estrutura com um fluxo pré-ordenado de sentido, mas como um corpo por onde circula o gozo da língua, na sua dimensão residual, sensual e material. Ao traço peculiar dessa escrita que se apresenta como um corpo-a-gozar denominamos *caligrafia*, realçando seu aspecto pictórico, gestual e, sobretudo, "litural" (no sentido do que faz sulco, rasgo, estrago e risco).

Além de situar a obra de Hilda Hilst no contexto da literatura brasileira, trazendo a fortuna crítica da escritora, refazemos, de modo sintético, a trajetória do conceito de gozo na teoria psicanalítica, a partir de Freud e Lacan, bem como recuperar os esboços deixados por Lacan em relação ao conceito de letra. Apresentamos também uma introdução ao enfoque teórico-filosófico da escrita-pintura e da escrita-em-cena, que privilegia os seus elementos materiais ou brutos, remetendo a um novo paradigma da "prostituição da representação".

Analisamos como a escrita de *Estar sendo. Ter sido* opera através da equivocidade do sentido, da ambigüidade das palavras, mostrando o fluxo e os cortes do discurso. Examinamos o jogo exploratório das possibilidades materiais e sensíveis das palavras, seus aspectos plásticos, gráficos, sonoros, visuais e táteis. Tratamos do universo literal do texto, dos fragmentos de escrita que são as cartas, os bilhetes, as bulas e as receitas, que realizam a função lixo da letra do gozo. É onde pudemos examinar a força literal (e, portanto, gozosa) da matemática e o brilho fetichista do latim que percorre o texto.

Nesse percurso, pudemos fazer uma incursão pelos antros dos espaços desenhados pela escrita de Hilda Hilst/Vittorio, a partir de elementos da teoria do barroco, como a tensão entre dentro/fora e claro/escuro, as redobras do pensamento, o olhar diabólico, a ruminação melancólica e a putrefação dos corpos e do mundo. Apresentamos ainda uma digressão até a doutrina dos humores corporais de Aristóteles, como auxiliar na compreensão das relações entre corpo e afeto, e terminamos por discorrer sobre as diferentes configurações da pulsão no texto, seja ela escópica, "escatológica" (anal) ou oral.

O trabalho propõe uma discussão sobre a presença da morte no texto, sob a forma de uma pulsão que é o motor da própria escrita – que faz dela uma travessia da morte – e que se personifica numa personagem decrepita. Descobrimos onde se dá o cenário de um combate contra a morte e contra deus, que acontece na escrita através do jogo de espelhos com "os sonhos vagos dos mitos e das religiões", ou seja, com vozes muito arcaicas do terror e do júbilo. Nesse itinerário, passamos pelo deus-ínfimo-ínfame de Artaud, para chegarmos ao gozo perverso e ao gozo místico do deus-pai, com suporte na "diologia" lacaniana e na teoria do supereu freudiano. Concluimos com uma leitura do lugar errante da mulher no texto, que por ser não-toda

é o lugar de um terrível oco incompreensível e insuportável para o protagonista (e os demais personagens masculinos), porque de onde emerge a força incomensurável do real e seu gozo pleno, marcado pela experiência ambígua da aniquilação e da vivificação.

Buscamos demonstrar, assim, que é por este veio que escorre a escrita de Vittorio, o fio por onde ele se faz se desfazendo, por onde ele se torna o que é e o que não é, num movimento de crescente destituição subjetiva. Como a sua escrita se faz, pois, pulsão em ato, única possibilidade de ele sucumbir e se ultrapassar, apanhando o oco da linguagem e do sentido, é o que tentamos mostrar nesse capítulo.

Nesse ponto, fechamos a equação, segundo a qual a travessia da escrita é a travessia da morte do sujeito, experiência da sua incessante abolição, trágico fim ao qual ele "é confrontado por não poder responder ao enigma de seu ser" e sobretudo por "se ver forçado a se submeter ao significante". A escrita se faz, pois, possibilidade de travessia do muro do significante; excelente droga que de uma só vez cura e envenena, mata e vivifica, apazigua e atordoia, conforta e dilacera.

ABSTRACT:

The present study investigates the hypothesis of intersection between writing and jouissance in Hilda Hilst's "Estar sendo. Ter sido". Primarily drawing on Lacan's concept of letter, the target text's pulsing formations are discussed so as to demonstrate its paradoxical writing of jouissance. To that end, Hilst's peculiar ways of graphing the jouissance are analysed.

KEY WORDS: *jouissance, writing, calligraphy, letter, escape of sense.*